



Carta aberta aos interessados pela educação

*Isabella Caroline Guedes Malveira;
Mariana Leite da Silveira.*

4

Carta aberta aos interessados pela educação

Natal, 18 de julho de 2022.

A presente carta surge a partir de experiências vividas em um estágio oriundo de um componente curricular denominado de Estágio em Gestão e Coordenação Pedagógica oferecido pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Somos apenas duas estudantes, Isabella Malveira e Mariana Leite, de um curso de licenciatura (ou seja, educadoras em processo de formação) e que têm muito a aprender sobre a realidade de uma escola, experiências e as demandas desse trabalho. Estamos na reta final do nosso curso de graduação e sabemos que existe um mundo inteiro a ser explorado antes que estejamos preparadas para enfrentar a realidade do contexto educacional, seja dentro ou fora de uma escola.

Mesmo tendo muito a aprender, pudemos conhecer um pouco mais sobre as dificuldades e os potenciais desse meio, em especial da profissão de educador. Tivemos a oportunidade de conhecer facetas que antes nos eram invisíveis e que são complicadas demais para serem restritas apenas ao chão da escola. Afirmamos isso em bom tom, não como crítica negativa ou para desestabilizar. Compartilhamos nossas experiências por meio desta carta porque acreditamos que a atuação dos educadores deve ser reconhecida e discutida em todas as esferas da sociedade, não se limitando apenas aos que lidam diariamente com a educação. Acreditamos que o conhecimento tem poder libertador e transformador, portanto, esperamos contribuir para o desenvolvimento de reflexões capazes de gerar metamorfoses e construções positivas.

Durante esse estágio, pudemos conhecer melhor o trabalho desenvolvido por profissionais da educação que atuam em duas escolas diferentes da rede pública da cidade de Natal, localizada no Rio Grande do Norte (RN). É interessante notar que tivemos experiências em escolas distintas, porém as vivências se aproximam porque são reflexos de necessidades que vão além de uma comunidade escolar, que são intrinsecamente ligadas ao cenário da educação pública a nível nacional.

Não pense que estamos elaborando essa carta aberta apenas para apontar as falhas e obstáculos presentes no cotidiano das escolas. Muito pelo contrário, buscamos chamar a atenção de todos para que seja possível buscar soluções e discutir melhorias para que o trabalho de todos seja cada vez mais proveitoso e significativo. Se as nossas observações ficassem restritas apenas aos momentos de debates do nosso componente curricular, estaríamos perpetuando a invisibilidade perante ações e sujeitos que são capazes de mudar o mundo e muitas vezes são silenciados porque não conseguem trabalhar da forma como deveriam.

Ao acompanhar a rotina dentro das escolas, foi possível observar a importância do diálogo para o andamento das ações envolvendo todos os funcionários. Existe uma sobrecarga

imensa de trabalho que é posta ao coordenador, sendo que muitas vezes isso acaba se tornando um problema. Dizemos isso porque, em variados momentos, constatamos ações que não competem ao cargo do professor coordenador, sendo desempenhadas sem que haja planejamento ou formação adequada para tal. Se houvesse maior comunicação entre a gestão, o coordenador e os professores, por exemplo, talvez a equipe fosse capaz de distribuir melhor as demandas que surgem dentro do ambiente escolar.

Algumas das nossas inquietações também foram apontadas por outros estudiosos da área. Não é algo novo, mas, infelizmente, são problemas que não estão sendo resolvidos e que afetam diariamente o processo de ensino e de aprendizagem. Franco (2008) fez uma análise de necessidades de coordenadores em um estudo que realizou. Ela enfatizou muito bem o fato de que vários profissionais que atuam na coordenação passam por momentos críticos, em que se encontram dilacerados por causa dos inúmeros afazeres das escolas em que atuam, sendo que muitas vezes acabam apenas improvisando soluções que não resolvem os obstáculos a longo prazo.

Talvez essa sobrecarga de tarefas que recai sobre a figura do coordenador seja a falta de um processo formativo mais profundo e que seja capaz de orientá-los para as atividades que realmente competem ao cargo (FRANCO, 2008). O próprio desejo do profissional de querer sanar todas as demandas propostas pela sua equipe e pela comunidade escolar pode ser outro fator que contribui para o acúmulo de funções. Aliado a tudo isso, esbarramos na falta do diálogo mais uma vez, seja porque o coordenador não consegue pensar em caminhos alternativos para solucionar os problemas, seja porque não distribui as funções entre a equipe docente e até mesmo porque a gestão não é democrática o suficiente na prática para traçar planos coletivos e que sejam, de fato, colaborativos, sem exigir demais de um dos coordenadores.

Lima e Santos (2007) nos representam muito bem ao afirmar que o coordenador deve pautar as suas ações de tal modo que não tome decisões unilaterais, como se já possuísse todas as respostas e soluções para as demandas da escola. Cabe ao coordenador ter sensibilidade para atuar de forma condizente com as necessidades de sua equipe, identificando as manifestações que mais impactam e proporcionando reflexões, debates e a significação da trajetória que estão traçando no contexto educacional.

Vivemos experiências parecidas com essas em nossos estágios e nos preocupa muito o fato de serem recorrentes. Em uma das escolas, a coordenadora não consegue dialogar com a sua equipe para delegar tarefas, conseqüentemente, não consegue cumprir todas as metas traçadas e tarefas importantes deixam de ser cumpridas. Em outra escola, a coordenação não consegue motivar os professores a participarem da construção do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, assim como também não consegue lidar com demandas burocráticas porque está sempre ocupada resolvendo questões disciplinares dos alunos.

Concordamos com Januário, Januário e Martins (2019), quando elas afirmam que as ações pedagógicas são pautadas nas demandas coletivas e pelos acontecimentos per-

tinentes à rotina escolar. Cabe sim ao coordenador exercer um papel de liderança nesse meio, mas para que o trabalho seja eficiente e produtivo se faz necessário delimitar as ações que realmente devem ser desempenhadas pelo coordenador, pelos professores e quais devem ser coletivas.

A partir disso, reafirmamos a necessidade dos momentos de planejamento entre a equipe pedagógica. Sentimos a falta desses encontros em uma das escolas públicas e entendemos que esse cenário é realidade em muitas escolas públicas. Mas também pudemos observar um oposto na segunda escola, em que a preocupação da coordenação era pautada grandemente no momento de planejamento individual com as professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sem se preocupar em integrar planos e ações pedagógicas. A liderança que compete ao coordenador não se resume ao cumprimento das reuniões de planejamento, mas, também, à sua avaliação, implementação das ações debatidas e propostas e acompanhamento das necessidades de sua equipe.

Trazemos à tona toda essa discussão para estimular a reflexão, também, de quais são as funções que devem realmente ser desempenhadas pelo profissional que atua como coordenador pedagógico. Partimos da premissa que suas funções devem ser desempenhadas pensando na coletividade e nos sujeitos que participam ativamente do processo de ensino e de aprendizagem. Mas, também, consideramos importante que as suas atribuições sejam pautadas no diálogo, alinhados aos princípios de gestão democrática e que não se tornem um peso extra a ser carregado apenas pelo coordenador. Ao assumir o papel de liderança, o coordenador consegue delegar tarefas e proporcionar momentos colaborativos entre sua equipe para que a escola seja um local de práticas integradoras e socializadoras.

Entendemos que o coordenador é capaz de atuar em múltiplas funções, corroborando a fala de Januário, Januário e Martins (2019) de que ele tem atribuições no campo escolar e articular, que ele também é capaz de coordenar, acompanhar, supervisionar, orientar e subsidiar as ações pedagógicas, contribuindo positivamente para as ações no âmbito educacional. Esperamos que os coordenadores sejam capazes de estimular o trabalho colaborativo e significativo pelos membros da equipe escolar. Da mesma forma, concordamos com Lima e Santos (2007) de que também é papel do coordenador contribuir para o processo de formação continuada de sua equipe, fornecendo subsídios para que consigam aperfeiçoar-se constantemente em relação ao exercício profissional.

O que observamos no chão da escola é um despreparo por parte de alguns profissionais em relação a quais funções realmente devem desempenhar durante suas jornadas de trabalho. Muitos não conseguem delimitar ações que se encaixem no que se espera que um coordenador seja capaz de fazer e muitos acabam atuando sozinhos, com sobrecarga de tarefas. Esse último fator nos comove, especialmente vindo de um cargo que jamais deveria estar só, que deveria estar sempre segurando as mãos dos colegas, impulsionando-os e sendo motivado como consequência. A educação é libertadora e é, também, um processo coletivo e colaborativo.

Esperamos que você, leitor, seja capaz de dar o primeiro passo para a mudança, de tal modo que consiga perceber as rachaduras, refletindo sobre elas e buscando as soluções em um sistema que precisa constantemente de reparos.

Respeitosamente,

Isabella Caroline Guedes Malveira e Mariana Leite da Silveira.

Referências

FRANCO, Maria Amélia Santoro. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA: uma práxis em busca de sua identidade. **Revista Múltiplas Leituras**, [s. l], v. 1, n. 1, p. 117-131, 2008.

JANUÁRIO, Samara De Oliveira; JANUÁRIO, Samila de Oliveira; MARTINS, Edivânia Santana dos Santos. A FUNÇÃO DO COORDENADOR DENTRO DA GESTÃO DEMOCRÁTICA.. In: Anais Educação e Formação Continuada na Contemporaneidade. Anais... Natal(RN) Evento on-line - Amplamente Cursos, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/Amplamentecursos/235612-A-FUNCAO-DO-COORDENADOR-DENTRO-DA-GESTAO-DEMOCRATICA>>. Acesso em: 19/07/2022 00:47

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. O coordenador pedagógico na educação básica: desafios e perspectivas. **Educere Et Educare: Revista de Educação**, Campus de Cascavel, v. 2, n. 4, p. 77-90, 2007.